

Sobre a mentira: uma das manifestações da violência humana

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini^[1]

RESUMO: A partir de três situações clínicas e da tragédia grega *Filoctetes*, de Sófocles, a autora trata de questões ligadas à violência da mentira, como forma perversa de poder, e suas consequências nos planos individual, social e político.

PALAVRAS-CHAVE: mentira, crenças, tragédia grega, cultura do lucro, poder

1. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e do Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto), e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

I

Mentira, segundo o *Dicionário Houaiss* (2001), é “qualquer coisa feita na intenção de enganar ou de transmitir falsa impressão” (p. 1895).

Suad Andrade (2024), em “A violência da mentira e o naufrágio da subjetividade”, nos alerta que “falar da mentira é falar da importância da verdade e do perigo de nos afastar dela” (p. 187). Continua e diz que “o que caracteriza a mentira é a ação sobre a mente do outro, a intenção de enganar o outro”, entretanto, reconhece a difícil demarcação disso, “pois sempre há um outro em nós mesmos que queremos enganar. Na maioria das vezes estamos mentindo para nós mesmos” (p. 188). Compreendo que ela se refere às crenças infundáveis que nos foram dadas a carregar ou que criamos, e às nossas evasões da verdade, que comprometem nosso processo de subjetivação.

Na definição de Bion (1970/1973), “a mentira é o pensamento em que são essenciais uma formulação e um pensador. O pensamento *verdadeiro* não requer formulação nem pensador”, significando que “a verdade não requer um *determinado* pensador” (p. 115).

Bion também apontou a aptidão humana para mentir. A disposição para mentir é “sinal de perturbação psíquica”; no entanto, diz ele, a mentira é “tão universal que apenas um mentiroso poderia menosprezar sua avassaladora natureza” (p. 3). Ele a liga diretamente ao pensamento, à linguagem e à comunicação, mas fora do âmbito moral. Entretanto, podemos dizer que ela resvala em um problema ético.

Ainda, ele nos lembra que “o dom da fala” tem o propósito tanto de ocultar e dissimular o pensamento através da mentira, quanto comunicá-lo e elucidá-lo. Assim, “a linguagem foi elaborada tanto para a realização do engano e evasão, como para a verdade” (p. 4). Em contraponto à fala dissimulada, nos apresentou o que denominou de “linguagem de êxito”, para elucidar a verdade.

Ele diz também que “o vínculo entre duas mentes que conduz à destruição de ambas é a mentira” (p. 114). E, nessa relação parasitária, a inveja é fator importante.

Diz Sandler (2021) que “Bion não se centra em Verdade ou mentira *per se*; enfoca um binômio monista, uma relação: verdade/mentira” (p. 661).

Feita esta breve introdução, citarei três situações clínicas e uma tragédia de Sófocles para pensar a mentira dentro das sessões de análise e ampliá-la no sentido social e político.

II

Uma paciente dizia algo que me parecia ao mesmo tempo inverossímil e prazeroso a ela. Propunha encerrar a análise justificando que estava ali havia dois anos e eu não falava nada. Então, pensou que não adiantava estar ali, perdia tempo. Nesse momento ela engasgou e, assustada, me disse: “engasguei!”, e complementou: “com a saliva!”. Eu lhe respondi: “não, com a mentira!”. Por segundos ela ficou impactada e depois soltou uma risada. A risada pareceu confirmar o que percebi em sua fala, algo falso que se proliferou configurando deslavada mentira. Mas pudemos conversar sobre a distorção de percepção e pensamento que demonstrava com aquela proposta, pois

a experiência que vivíamos ali não condizia com a percepção de que eu não conversava com ela, que perdia tempo estando comigo.

Aliás, era frequente num primeiro momento de nossos encontros ela me rebater, dizendo que eu não estava entendendo o que ela dizia, para depois expandir o que eu propunha. Eu percebia que era como se eu precisasse sempre oferecer mais e mais ideias para que se sentisse acompanhada e compreendida por mim. A despeito de suas perturbações, parecia inicialmente não querer ser perturbada pela verdade, até que cedia. Algo muito próximo do que propõe Bion (1962/1966) sobre pacientes que ao mesmo tempo qualificam as interpretações como ruins, mas sentem precisar “mais e mais delas”, na perspectiva de que desentender é superior a entender. Com essa clivagem, a paciente demonstrava manter contato com sua necessidade de sobrevivência, mas pouca consideração pela verdade. Na situação relatada, ela logo cedeu à verdade de ser inverídica sua proposta. Aproximava-se o período de férias de fim de ano, e ela parecia querer reverter a situação – agora, era ela quem primeiramente anunciava nossa separação, não temporária, mas definitiva.

Um dos empregos do relato mentiroso, segundo Bion (1970/1973), é a provocação, a acusação e a defesa, com uso de menos amor (-L) e menos conhecimento (-K). E, na Grade, o autor reservou uma coluna para as inverdades (coluna 2).

O ataque à analista se evidenciou. O período de férias estava se aproximando e, antes que isso fosse comunicado, ela se adiantou, propondo interromper trabalho, criando a falsa narrativa de ineficácia, mentindo primeiramente para si mesma. O campo emocional demonstrava a violência da rivalidade e da hostilidade para com a analista, usando a fala para triunfo acusatório, sugerindo ação de fuga. Pelo vértice dos supostos básicos (Bion, 1961/1970), pensaríamos em proposta de luta e fuga.

Com dificuldades para vivenciar separação, essa paciente tentava se evadir da experiência que se avizinhava, triunfando com a proposta de rompimento e acreditando assim tirar proveito de uma situação. Sob transformação em alucinação, acreditava que lucraria com essa resolução e, na contraparte esquizoparanoide, que eu seria a prejudicada.

Em outra situação clínica, atendi numa única consulta uma mulher, encaminhada pelo psiquiatra, com o “vício”, segundo ela própria, de escrever cartas para casais, narrando a infidelidade dos maridos – traição essa criada unicamente pela sua imaginação. Comigo estava sendo honesta, contando como praticava a atrocidade da mentira. Na época, me lembro de ter pensado que, com essas fantasias usadas de maneira criativa, ela poderia ser uma boa contadora de estórias, uma escritora, mas a verdade é que estava doente, prisioneira da atuação compulsiva da fantasia.

A questão edípica é clara, com desdobramento ético. Nessa intrusão da curiosidade, como modo de se colocar dentro da vida do casal, a área psicótica e a perversa de sua personalidade se manifestavam através da onipotência e arrogância de separar casais, ou no mínimo de provocar conflitos no grupo familiar. Sentimentos de hostilidade e rivalidade se apresentavam, bem como ressentimento e desamparo.

Hoje as fake news se alastram com a mesma violência, com intrusão da curiosidade maledicente, invejosa, contra a verdade e a compaixão pela vida humana, atingindo impiedosamente pessoas, grupos e instituições.

Assistimos horrorizados, na própria política – lugar para o cuidado do bem comum –, à mentira disseminada, à estupidez do banimento de alguns e ovação a outros, produto das imagens midiáticas e comunicações distorcidas, disseminando o caos e afrontando a inteligência alheia. Nas guerras que se espalham pelo mundo, tanto a indústria armamentista quanto a mentira proliferam sem limites a eliminar etnias. A tirania das ditaduras, das ideologias e do fanatismo fomenta mentiras.

Sandler (2021), citando Bion em *Atenção e interpretação*, diz: “alguns mentirosos, conhecendo plenamente os riscos que corriam, sacrificaram suas próprias vidas enunciando mentiras de modo a convencer os fracos e inseguros por meio de sua convicção de que mesmo as afirmações mais absurdas eram verdadeiras” (p. 537).

Essa afirmação sugere que a mentira tem característica onipotente; distante do princípio de realidade, é prisioneira do princípio de prazer, a serviço de falsificação da realidade e da verdade, do menos amor (-L), menos conhecimento (-K) e deterioração cognitiva, afetiva, social e política, com intenção de poder sobre o outro.

Nos processos analíticos, estamos atentos a esses mecanismos que se apresentam na forma de transformações em alucinação, como evasão da verdade. Entretanto, se é doloroso aproximar-se da verdade, desastroso é iludir-se com o falso.

Em terceira situação clínica, um jovem empresário manifestava na análise o desejo de destituir o pai de função importante na empresa; queria substituí-lo, pois acreditava que desempenharia melhor essa função, com mais empreendedorismo. Essa era a mentira que contava a si próprio e da qual tentava me convencer. Para além das questões transferenciais, trabalhamos na direção edípica, no sentido de ele reconhecer a ética do pai no trabalho, que ele considerava conduta ultrapassada, e sua tentativa de usar mecanismos escusos na empresa, com o intuito de maiores vantagens e lucros, pretendendo usar dessa falácia para eliminar o pai. Mentira e injustiça caminhavam juntas.

III

Conta-se que, na velhice, um dos filhos do tragediógrafo grego Sófocles levou-o à justiça, alegando que o pai perdera a competência para administrar seus bens; entretanto, Sófocles foi absolvido pelo tribunal.

É de Sófocles que passo agora a apresentar um pequeno trecho, de uma de suas tragédias, escrita em sua velhice, penúltima peça redigida por ele e última encenada, *Filoctetes* (409 a.C./2014):

Filoctetes, arqueiro notável, um dos líderes gregos que partiram para a guerra de Troia, fora abandonado numa ilha deserta antes de seguirem para lá, quando foi mordido no pé por uma serpente, e essa ferida infeccionou, exalando mau cheiro e levando-o a gritos contínuos de dor. Entretanto, dez anos depois, com a guerra ainda

não vencida, os gregos foram informados pelo oráculo de que só alcançariam a vitória se estivessem com Filoctetes, munido do arco invencível que ele recebera das mãos de Hércules (Wilson, 2014).

Como um dos responsáveis pelo abandono de Filoctetes fora Odisseu, era a ele que, agora, caberia resgatá-lo. Ele levou junto Neoptólemo, o jovem filho de Aquiles, que deveria enganar Filoctetes para trazê-lo com seu arco.

A tragédia que trata do abandono de Filoctetes pela esquadra antecede esse drama relatado por Sófocles, sobre conflitos de natureza ética. O drama resulta no conflito entre os traços de caráter dos três personagens da peça: Odisseu, que, para vencer a guerra, recorre à mentira; Filoctetes, que, traído pelo seu povo havia dez anos, alimenta ressentimento por ter sido privado de reconhecimento, abandonado como um pária na ilha deserta; e Neoptólemo, jovem recém-convocado à guerra, que, com a tarefa de ludibriar Filoctetes, enfrentaria uma crise de consciência (Wilson, 2014).

Apresento os versos 77 a 111:

Odisseu:

É como deves sofismar, ladrão
futuro do armamento inderrotável!
Sei bem que foge ao teu feitio, menino,
falar coisas assim, urdir ardis,
mas como conquistar vitória é doce,
coragem! Noutra vez, seremos justos!
Cede à impostura por um dia único,
...

Neoptólemo:

Me aperta o peito ouvir tua fala; anula-me
imaginar-me executando-a: não
fui feito para leviandades – dizem
que até nisso pareço com Aquiles.
Trarei à força o herói, se for preciso,
mas casa mal comigo o subterfúgio.
...

Antes cair jogando
limpo, a tornar-me um porco vencedor!

Odisseu:

...
Mais calejado, vejo que é a língua,
e não a ação, o que se impõe aos homens.

Neoptólemo:

Me ordenas algo mais do que mentir?

Odisseu:

Enreda Filoctetes numa trama!

Neoptólemo:

Por que enganá-lo em vez de persuadi-lo?

Odisseu:

Não se persuade, e perdes dele a força.

Neoptólemo:

Tem tanta força assim em que se fie?

Odisseu:

Seus dardos são certos e mortíferos.

Neoptólemo:

Não posso dele me chegar sem risco?

Odisseu:

Só se o enganares tal e qual sugiro.

Neoptólemo:

Não vês na farsa um golpe que rebaixa?

Odisseu:

Não, se dela resulta a salvação.

Neoptólemo:

Mas com que cara falas disso às claras?

Odisseu:

Quando vislumbro o lucro, nunca hesito.

(Sófocles, 409 a.C./2014, pp. 23-25)

IV

Para finalizar, sabemos que a cultura do lucro pode corromper até mesmo os mais bem-intencionados; que a mentira grassa sem limites na vida humana, na tirania da luta pelo poder: em meio a grupos, desde o familiar ao empresarial, em instituições, na política e, especialmente, nas guerras. A manipulação da mídia irresponsável, com seus subterfúgios, propositalmente escondendo a realidade, nos afastando da verdade, tem sido fato inconteste.

Pelas experiências de análises, sabemos quão preciso é nos inclinarmos com disposição e discernimento para vivenciar a realidade psíquica, desconstruir crenças

– mentiras que criamos para nós mesmos –, acompanhar a realidade factual e nos aproximar de nossas verdades – verdades nunca apreendidas totalmente.

Sobre la mentira: una de las manifestaciones de la violencia humana

Resumen: A partir de tres situaciones clínicas y de la tragedia griega *Filoctetes*, de Sófocles, la autora aborda cuestiones relacionadas con la violencia de la mentira, como forma perversa de poder, y sus consecuencias a nivel individual, social y político.

Palabras clave: mentiras, creencias, tragedia griega, cultura del lucro, poder

On lying: a manifestation of human violence

Abstract: Drawing on three clinical situations and Sophocles' tragedy *Philoctetes*, the author examines issues related to the violence of lying—understood as a perverse exercise of power—and its consequences across the individual, social, and political domains.

Keywords: lying, beliefs, Greek tragedy, culture of profit, power

Referências

- Andrade, S. H. (2024). A violência da mentira e o naufrágio da subjetividade. In M. A. G. G. B. Pelissari (Org.), *Suad Haddad de Andrade: obra selecionada* (pp. 187-202). Blucher.
- Bion, W. R. (1966). O aprender com a experiência. In *Os elementos da psicanálise* (pp. 7-122). Zahar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1970). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Imago. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário de língua portuguesa*. Ed. Objetiva.
- Sandler, P. (2021). *A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos*. Blucher.
- Sófocles. (2014). *Filoctetes*. Editora 34. (Trabalho original publicado em 409 a.C.)
- Wilson, E. (2014). Ensaio. In Sófocles, *Filoctetes* (p. 193-213). Editora 34.

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini

Endereço: Rua João Teixeira, 139, Santa Cruz. São José do Rio Preto/SP.

CEP: 15014-180

E-mail: maria.sidericoudes@gmail.com

Artigo recebido em 16/03/2025

Artigo aceito em 14/04/2025

Editora responsável pelo artigo: Renata Sarti